



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM SAÚDE DA FAMÍLIA**

CRISTIANE MARTINS DE OLIVEIRA

**Abordagem da Educação sexual e saúde nas escolas: um levantamento sob a
ótica do profissional**

REDENÇÃO

2018

CRISTIANE MARTINS DE OLIVEIRA

**Abordagem da Educação sexual e saúde nas escolas: um levantamento sob a
ótica do profissional**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde da Família/Gestão em Saúde da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde da Família/Gestão em Saúde.

Orientadora: Prof. Flávia Paula Magalhães Monteiro.

REDENÇÃO

2018

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Cristiane Martins de.

O45a

Abordagem da Educação sexual e saúde nas escolas: um levantamento sob a ótica do profissional / Cristiane Martins de Oliveira. - Redenção, 2018.

40f: il.

Monografia - Curso de Especialização em Saúde Da Família, Instituto De Ciências Da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Flávia Paula Magalhães Monteiro.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Adolescência. I.
Titulo

CE/UF/BSCL

CDD 613.96

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA

CRISTIANE MARTINS DE OLIVEIRA

**Abordagem da Educação sexual e saúde nas escolas: um levantamento sob a
ótica do profissional**

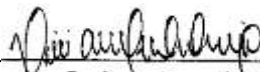
Monografia julgada e aprovada para obtenção do título de Especialista em Saúde da Família da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Data: 14/05/2018

Banca Examinadora:



Prof. Flávia Paula Magalhães Monteiro (Orientador)



Prof^a Viviane Pinho de Oliveira



Prof. Talita Camila Evaristo da Silva Nascimento

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Descritores com suas respectivas definições. Redenção, 2018.	18
QUADRO 2- Quantitativo de publicações em cada base de dados, Redenção, 2018.	19
QUADRO 3- Apresentação da síntese de artigos incluídos na revisão integrativa segundo procedência, título, referencias, método/metodologia, principais resultados e conclusões, Redenção, 2018.	21
QUADRO 4- Apresentação da síntese das análises dos artigos incluídos na revisão integrativa segundo referencias, principais estratégias de educação sexual na escola, principais temas abordados, profissionais envolvidos e tipo de escola. Redenção, 2018.	28

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

CBES- Circuito Brasileiro de Educação.

DeCS- Descritores em Ciências da Saúde.

DST's- Doenças Sexualmente Transmissíveis.

LILACS- Literatura Científica e Técnica da América Latina.

MEC- Ministério da Educação e Cultura.

PCN's- Parâmetros Curriculares Nacionais.

OMS- Organização Mundial da Saúde.

SCIELO- Scientific Electronic Library Online.

SPE- Projeto Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 A abordagem da Educação Sexual no Brasil: resgate histórico e atualidade.....	13
2.2 Sexualidade e saúde: métodos contraceptivos e preventivos	15
3. MÉTODO	18
3.1 Tipo de Estudo	18
3.2 Período e operacionalização da coleta de dados.....	18
3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão	19
3.4 Instrumento	20
3.4 Análise	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
6. REFERÊNCIAS	35

Abordagem da Educação sexual e saúde nas escolas: um levantamento sob a ótica do profissional

Cristiane Martins de Oliveira¹

Flávia Paula Magalhães Monteiro²

RESUMO

A sexualidade faz parte da existência humana e deve ser compreendida em sua totalidade, sendo relevantes os fatores biológicos, psicológicos, religiosos e socioculturais com influências exercidas na contribuição da formação e direcionamento da sexualidade de um indivíduo. Baseando nesse pressuposto, o presente trabalho objetivou analisar estudos que abordem o tema educação sexual e identificar as principais dificuldades sobre esta abordagem no âmbito escolar. Consiste em uma revisão integrativa de literatura. A coleta de dados foi realizada por meio eletrônico, totalizando em 10 artigos científicos na amostra final. O estudo apontou que a educação sexual quando trabalhada nas escolas são abordadas por professores ou profissionais de saúde. Na abordagem pelos professores, nessa prevalece principalmente aspectos biológicos, voltados para prevenção de DST's e gravidez na adolescência. Os professores sentem dificuldades de trabalhar a educação sexual na escola de forma transversal e interdisciplinar, apontando a falta de formação como principal obstáculo. Diante do exposto na revisão integrativa, foi possível perceber as limitações de encontrar achados em que a educação sexual seja trabalhada na íntegra dentro das escolas. Não houve nenhum resultado que apontasse a educação sexual sendo trabalhada de forma transversal e interdisciplinar por todos os profissionais de educação, de acordo com as propostas dos PCN's. A realização dessa pesquisa evidencia a necessidade de implementar projetos educativos dentro do ambiente escolar que visem a prevenção e promoção da saúde do adolescente. Concluiu-se que é necessário existir formações de professores, seja no meio acadêmico, seja no ambiente escolar, com qualificação realizada por profissionais da saúde, de forma a sensibilizar os profissionais da educação sobre a importância de abordar a educação sexual no meio escolar de forma crítica, bem informada, com linguagem clara e aberta, tornando a escola uma instituição promotora da saúde, buscando desenvolver no adolescente a responsabilidade diante da própria sexualidade e preservação da vida.

Palavras-chave: Adolescência, educação sexual, sexualidade, escola, prevenção.

¹ Estudante do Curso de Especialização em Saúde da Família pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Universidade Aberta do Brasil, polo Redenção.

² Enfermeira. Mestre e Doutora em Enfermagem. Docente Adjunta do curso de enfermagem e da especialização em Saúde da Família, vinculado à Educação à distância da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

ABSTRACT

Sexuality is part of human existence and must be understood in its totality, being relevant the biological, psychological, religious and sociocultural factors with influences exerted in the contribution of the formation and directing of the sexuality of an individual. Based on this assumption, the present work aimed to analyze studies that approach the subject of sexual education in the and to identify the main difficulties about this approach within the school. It consists of an integrative literature review. The data collection was done by electronic means, totaling in 10 scientific articles in the final sample. The study pointed out that sex education when worked in schools are approached by teachers or health professionals. In the approach by the teachers, this mainly prevails biological aspects, aimed at STD prevention and pregnancy in adolescence. Teachers find it difficult to work on sex education at school in a transversal and interdisciplinary way, pointing to lack of training as the main obstacle. In light of the above, it was possible to perceive the limitations of finding findings in which sex education is fully developed within schools. There was no result that pointed to sex education being worked transversally and interdisciplinarily by all education professionals, according to the proposals of the NCPs. The accomplishment of this research evidences the necessity to implement educational projects within the school environment that aim at the prevention and promotion of adolescent health. It was concluded that it is necessary to have teacher training, both in the academic environment and in the school environment, with qualification performed by health professionals, in order to sensitize education professionals about the importance of approaching sex education in the school environment. Critical, well informed, with clear and open language, making the school an institution that promotes health, seeking to develop in adolescents responsibility for their own sexuality and preservation of life.

Keywords: Adolescence, sex education, sexuality, school, preventio.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é a fase da vida na qual o indivíduo encontra-se preparado para aprendizagem de diversos assuntos, manifestando novos comportamentos, sendo considerada parte de um público prioritário para a promoção de educação e saúde (CAMARGO; BOTELHO, 2007). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende todo indivíduo com faixa etária entre 10 a 19 anos (BRASIL, 2018). O maior interesse de estudos sobre a adolescência está ligado diretamente ao comportamento dos adolescentes frente à própria sexualidade (PAIVA et al., 2008).

A sexualidade faz parte da existência humana e deve ser compreendida em sua totalidade, sendo relevantes os fatores biológicos, psicológicos, religiosos e socioculturais com influências exercidas na contribuição da formação e direcionamento da sexualidade de um indivíduo (BOMFIM, 2009). Estes fatores podem estar associados a valores e princípios religiosos, assim como relacionados à fertilidade e relações de convivências estabelecidas por grupos sociais (SILVA; NETO, 2006). Porém, as mudanças de comportamentos dos adolescentes decorrentes de seus conhecimentos sobre sexualidade e educação sexual exigem atenção dos pais e profissionais, levando em consideração às repercussões de vulnerabilidade desses jovens em relação à vida reprodutiva e contágio por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) (ALENCAR et al., 2008).

Como a escola é o lugar em que os adolescentes passam maior parte de suas vidas é também considerado o espaço de amplo impacto no conhecimento sobre sexualidade em crianças e jovens (ALTMANN, 2007). Este papel se viabiliza na complexidade que a sexualidade se configura na vida do indivíduo que se manifesta a partir da descoberta da sua própria identidade como dúvidas sobre sexo, orientação sexual, erotismo, prazer e intimidade (ROCHA; DIAS; GAMA, 2010). Diante de vários aspectos, os jovens necessitam de auxílio para que possam processar essas informações, que diariamente são transmitidas de formas diferenciadas e descontextualizadas entre si (REIS; VILAR, 2004), já que a família, que antes era considerada o primeiro elemento formador, sendo os pais os principais responsáveis e encarregados de educar sexualmente seus filhos (BOMFIM, 2009), passa por transições. Há de se considerar ainda que os conceitos familiares podem ser baseados na abrangência de omissão e repressão, tornado ausente à abordagem de uma educação sexual de forma dialogada (SILVA; NETO, 2006).

Com a implantação da Educação Sexual no currículo escolar, realizada inicialmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), houve conquistas em relação às aulas que

abordem as temáticas sobre sexualidade, pois os programas de Educação Sexual anteriores abordavam as temáticas segundo a percepção biológica, limitadas com aulas de anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores (CARPILOVSKY et al., 2010). Desvinculada dessa abordagem tradicional, a Educação Sexual deve ser entendida como a forma mais importante de prevenir problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens (RAMIRO et al., 2011).

Além da implantação dos PCNs, outro fator importante na construção de uma Educação Sexual como preservação da vida, é a promoção de orientação sexual a partir da criação do Projeto Nacional Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), lançado em 2004 pelo Governo Federal, uma parceria do Ministério da Saúde e Educação, com o apoio da UNESCO e UNICEF (SOUZA et al., 2008). Mesmo com a atuação de projetos e parâmetros que intensifiquem a preparação de adolescentes sobre uma Educação Sexual adequada, se verifica o declínio dessa prática no âmbito escolar, pois os conhecimentos dos alunos são baseados em curtas palestras, leituras espontâneas e apresentação da mídia (BEIRAS; TAGLIAMENTO; TONELI, 2005).

Diante do exposto, tem-se os seguintes questionamentos: Quais as principais estratégias de educação em saúde sexual desenvolvidas nas escolas? Quais as principais temáticas abordadas nas atividades de educação sexual na escola? Quais as principais dificuldades expressas pelos profissionais que aplicam tais atividades na escola?

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer a abordagem da Educação Sexual na escola descrita em periódicos da área, visto que a mesma apresenta-se como uma quebra dos paradigmas que impossibilitam os manifestos dos alunos no que diz respeito ao conhecimento do próprio corpo e de uma vida sexual saudável. Sendo a escola o espaço adequado para a valorização e exposição das temáticas sobre sexualidade, o trabalho em sala de aula se torna essencial para discussões, palestras e debates entre os jovens, motivando-os a pensar sobre o contexto atual da sexualidade, possibilitando ao aluno a capacidade de planejar a própria vida, fazendo-o compreender e valorizar a importância da conservação do próprio corpo na promoção de uma vida saudável.

A necessidade de se trabalhar Educação Sexual na escola parte do número crescente de gravidez precoce em adolescentes que ainda cursam o ensino fundamental e ensino médio. Ao observar esse fato se verifica a frequência de dúvidas em relação às temáticas sobre sexualidade e relações sexuais. É notável a falta de informações necessárias para melhor compreender o processo de maturidade e responsabilidade em relação à própria sexualidade.

A ausência de informação sobre Educação Sexual em sala de aula acontece pela rejeição dos professores em falar sobre essas temáticas com os alunos, impondo tabus ou se

justificando por não ser um tema abrangente na disciplina em que leciona. Associado a isso, a posição dos professores diante dessas temáticas se justifica pela falta de abordagem das mesmas no currículo de Licenciatura.

A pesquisa propõe analisar estudos que expõem o tema educação sexual nas escolas. Objetiva ainda identificar as principais dificuldades sobre esta abordagem no âmbito da escola.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A abordagem da Educação Sexual no Brasil: resgate histórico e atualidade

A Educação Sexual no Brasil, vinculada à História da Educação, tem como base a história apresentada pela sociedade, abrangendo todas as relações de poder, restauradas das práticas sociais, resgatando suas produções e discussões (SOUZA et al., 2010). A sociedade brasileira, no início dos anos se baseava na influência portuguesa, no qual a Igreja Católica, para combater o concubinato, visava a família patriarcal o modelo principal e essencial de organização familiar, admitindo ao homem ter direitos relacionados ao desejo e ao prazer fora do lar, possibilitando o envolvimento com prostitutas e mulheres pobres da sociedade. Para as esposas, a sexualidade era algo restrito somente a reprodução da raça, o que as tornavam antisssexuais, não sendo permitida a sensação do desejo ou prazer por seus conjugues. Essa concepção tornou a mulher inferior ao homem em todos os sentidos, vigorando assim o patriarcalismo no Brasil não só como uma forma de organização familiar, como também social (CANO; FERRIANI, 2000).

No final do século XVI e início do século XVII a sexualidade era imposta pela Igreja como uma prática vinculada ao pecado utilizando, pela confissão, a promoção do sentimento de culpa por parte da sociedade vigente, possibilitando à Igreja Católica o controle e repressão da sexualidade em grande parte da sociedade (FIGUEIRÓ, 1996). Sempre apresentada para os homens e mulheres da época como forma repressora, a sexualidade poderia ter surgimento e realização somente após o matrimônio. Jovens eram obrigados a obedecer às regras impostas pela sociedade, o que posicionava o ato sexual uma forma limitada à reprodução (CANO; FERRIANI, 2000).

No intuito de garantir uma liberdade de percepção sexual na população, os médicos do final do século XIX passaram a investir no tema de experiência sexual, promovendo na primeira década do século XX os primeiros programas de educação sexual no Brasil (RIBEIRO, 2009). O processo de institucionalização da educação sexual brasileira, pioneiramente criado pelo Circulo Brasileiro de Educação Sexual (CBES) fundado em 5 de julho de 1933, objetivava em libertar o povo da época do cerco moral imposto pela sociedade, que se aplicava no conceito de brasilidade [conceitos étnicos] e moral sexual cristã. Por duas décadas essa entidade se responsabilizou em publicar livros, promover palestras e ofertar eventos científicos que abordavam a temática sobre sexualidade e educação sexual com foco principal (OLIVEIRA, 2012).

Resgatando a história da Educação Sexual no Brasil, no seu contexto histórico, a Educação Sexual institucionalizada na escola estava prevista em lei desde 1928. Mesmo que os conteúdos propostos na lei sejam de caráter higienistas, ainda em 1950 a implantação da educação sexual nas escolas sofria grandes resistências por parte das oposições influenciadas pela Igreja Católica, que utilizavam as mídias com divulgações de campanhas que abolissem a existência dessas temáticas no espaço escolar (RIBEIRO, 2009). Nesta mesma década, a concepção de sexualidade no Brasil passou a sofrer mudanças. Essas mudanças são provenientes de um movimento jovem desencadeado na Europa em que os jovens contestavam sobre a forma em que a sociedade vigente se manifestava em relação ao uso de drogas, modo de vestir e falar, assim como a sexualidade era imposta para a população. Considerado como “revolução sexual”, esses movimentos lutavam pela sexualidade desconcentrada do compromisso matrimonial, promovendo a possibilidade de repensar sobre o comportamento sexual e opressões vivenciadas por essas pessoas (CANO; FERRIANI, 2000).

Os Movimentos Feministas das décadas de 60 e 70 também tiveram marco importante na história brasileira. A ideia de minoria relacionada às mulheres passou a ser descartada. A visibilidade feminina tomou destaque em seus manifestos que lutavam pela valorização de sua identidade (LOURO, 2009). Acrescentando para o contexto de sexualidade, os movimentos feministas reivindicavam uma Educação Sexual não sexista, assegurando o direito feminino de uma educação sexual igualitária voltada para os tipos de gêneros (NARDI, 2008).

A abordagem política sobre Educação Sexual só foi definida no Brasil a partir do início da década de 80, desencadeada do surgimento de reflexões e publicações científicas que apontam a Educação Sexual um meio de transformação social, sendo definida como uma atividade política (FIQUEIRÓ, 1996). Nesta mesma década sugeriram estudos que focavam temas sobre homossexualidade, identidade sexual e conhecimento do espaço de homossexuais no mundo (LOYOLA, 2000). Assim, as temáticas sobre sexualidade criaram forças e espaços, e a escola passou a ser entendida durante a década de 80 como o local favorável para abordar a Educação Sexual (MONTARDO, 2008).

O advento da epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), também na década de 1980 chamou a atenção das políticas públicas no Brasil. Notificada pela primeira vez no Brasil em 1982, a AIDS promoveu diversas discussões na sociedade, sendo apontada como uma doença proveniente daqueles que insistiam em não obedecer às normas sexuais pregadas pela sociedade (MARTINÍ, 2007). Nesta mesma época, em luta por igualdade social e direitos políticos, os movimentos sociais brasileiros se fortaleceram possibilitando a discussão sobre sexualidade em várias instituições sociais (FERREIRA; AGUINSKY, 2013). A grande

preocupação relacionada ao HIV/ AIDS favoreceu o engajamento entre os órgãos oficiais, como o Ministério da Educação e Cultura (MEC), que visava de imediato o combate à doença. A implantação da educação sexual na escola entrou novamente em vigor, porém se interligava nas ideias de vulnerabilidade ao risco, descentralizando a ideia associada ao prazer e à vida (LOURO, 2009). Neste sentido, a escola passou a ser entendida como coadjuvante na promoção da saúde, uma vez que a mesma busca constantemente um modo de vida, de aprendizagem e de trabalho adequado ao desenvolvimento da saúde (GOMES, 2009). Essa ideia se materializou com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nas escolas fazendo com que o espaço escolar por meio do processo educacional trabalhe de forma preventiva e efetiva, auxiliando positivamente no campo da saúde (ALMEIDA et al., 2011).

2.2 Sexualidade e saúde: métodos contraceptivos e preventivos

A prática das relações sexuais entre jovens atualmente se inicia mais cedo, proveniente da liberação sexual, da facilidade de contatos íntimos, dos estímulos vindos dos meios de comunicação estimulando os contatos sexuais precoces, ocasionando a grande preocupação e urgência em se abordar Educação Sexual na escola (GASPAR et al., 2011) Os manifestos de querer conhecer seu próprio corpo acontece naturalmente na adolescência. O que preocupa é o fato do adolescente tornar-se cada vez mais vulnerável às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), pois estudos apontam a prática inicial da sexualidade sem o uso de preservativos (PAIVA et al., 2008). Essa vulnerabilidade às doenças coloca o adolescente em altos riscos de contaminação. Estima-se que a cada quatro adolescentes, um se contamina com DSTs (MATOS; VEIDA; REIS, 2009).

O método de prevenção de DSTs mais utilizado e conhecido pelos adolescentes é a camisinha masculina e o não uso desse método é expresso pela maioria dos adolescentes por sentirem incomodo durante a relação, confiar no parceiro ou a imprevisibilidade das relações sexuais (MARTINS et al., 2006). Embora também exista a produção do preservativo feminino (PF), no Brasil a preocupação de fornecer o preservativo feminino só passou a se estabelecer a partir do ano de 2000 com campanhas de prevenção e distribuição voltadas somente para mulheres que estabelecessem os critérios apontados pelas campanhas, ou seja, mulheres vulneráveis aos riscos de desigualdades sociais e de gêneros, violências domesticas e abusos sexuais, restringindo o acesso de preservativos às profissionais do sexo, mulheres diagnosticadas com DST, usuárias de drogas injetáveis e parceiras soropositivas de usuários, ou parceiras de soropositivos (OLIVEIRA et al., 2008).

O uso da camisinha só é praticado pelos homens em ocasiões em que se sentem correndo risco de contaminações, o que se verifica que essa preocupação só acontece quando estes praticam sexo com mulheres desconhecidas consideradas uma parceira eventual. Porém, nas relações sexuais praticadas entre casais de namorados, o uso da camisinha se torna ausente, pois acreditam que a afinidade e ligação entre ambos assegura uma prática sexual sem riscos, confiando um no outro, tornando o não uso de preservativo uma prova de fidelidade entre ambos (RIETH, 2002).

Como consequência dessa concepção errônea de se expor ao sexo, as mulheres, do ponto de vista do formato de gêneros desiguais, na prática de relações sexuais desprotegidas, são as que mais sofrem o risco de contaminações por DSTs, pois elas depositam grandes confianças nos parceiros (TORRES; BESERRA; BARROSO, 2007). Quando por ventura ocorre o uso de preservativos na relação sexual, não é com o intuito de prevenir DSTs /AIDS e sim pela preocupação de uma gravidez indesejada pelas adolescentes (RIETH, 2002). A insegurança de aderir o preservativo feminino por parte das mulheres se verifica pela falta de informação em relação ao manuseio e a utilização correta desse método de barreira intravaginal, sendo necessária a oferta de ações educativas na promoção e adesão do referente método (OLIVEIRA et al., 2008).

Além da vulnerabilidade às DSTs, outro fator que preocupa a saúde pública é o alto índice de gravidez precoce no Brasil. O alto índice está relacionado com a baixa condição socioeconômica dos adolescentes que resulta na falta de informação e de acesso a métodos preventivos e contraceptivos (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2010) que favorece para que cerca de 55% das mulheres adolescentes brasileiras nunca ter utilizado nenhum método anticoncepcional, mesmo tendo vida sexual ativa (GUIMARÃES; VIEIRA; PALMEIRA, 2003).

Os métodos contraceptivos são diversos e são conhecidos pelos profissionais da saúde, da educação e por grande parte da população. Vieira et al. (2006) descrevem os métodos contraceptivos de acordo com a utilização e mecanismo de ação dos mesmos:

Tais métodos se dividem de acordo com o mecanismo de ação: a) métodos comportamentais que estão embasados na auto-observação que ocorre no organismo ao longo do ciclo menstrual, sendo necessário que as usuárias tenham ciclos menstruais regulares e que exista cumplicidade entre o casal (Ogino-Knaus, temperatura basal corporal, muco-cervical ou Billings); b) os métodos de barreira que consistem em obstáculos mecânicos ou químicos à penetração dos espermatozoides no canal cervical (preservativo: masculino e feminino, diafragma, geleias espermicidas); c) métodos hormonais (oral-pílula, injetáveis e implante) cuja finalidade básica é impedir a concepção; d) dispositivo intra-uterino (DIU), que atuam impedindo a fecundação; e) métodos cirúrgicos ou esterilização (ligadura das trompas

e a vasectomia); f) contracepção de emergência, método alternativo hormonal oral que evita a gravidez quando ingerido até 72 horas após a relação sexual desprotegida. (VIEIRA et al., 2006)

No Brasil, pesquisas apontam a utilização prevalente de dois métodos: a anticoncepção oral e a ligadura tubária. Porém, o conhecimento sobre uso adequado desses e de outros métodos nem sempre é conhecido ou explorado, o que prejudica a população (CARRENO et al., 2006). Em suas pesquisas, Alves e Brandão (2009) deparam-se com depoimentos de jovens que em sua primeira relação sexual apresentaram desconhecimento em relação à importância e utilização adequada dos métodos contraceptivos, onde as mesmas alegam utilizar os métodos contraceptivos somente após a primeira relação, da primeira gravidez ou aborto (ALVES; BRANDÃO, 2009). Verifica-se que quanto mais precoce se apresenta a iniciação sexual, menores são as chances de uso de métodos contraceptivos pelos jovens, que conseqüentemente maior é a chance de uma gravidez indesejada. Podendo também correlacionar a escolaridade com a contracepção, pois quanto maior o nível de escolaridade de um indivíduo, maior será o conhecimento e utilização de algum método em sua primeira relação sexual, como também nas subsequentes (MENDONÇA; ARAÚJO, 2010). Além da falta de educação relacionada ao uso adequado de métodos contraceptivos, considerando a abrangência de gravidez precoce em jovens de baixa renda e pouca escolaridade, soma-se também a essa problemática, a inoperâncias dos serviços de saúde e o despreparo de profissionais para lidar com a saúde da população adolescente (RABELO et al., 2006).

Neste modo de pensar, o uso de preservativos e métodos contraceptivos é sempre relacionado pelos adolescentes à questão de gênero, sendo interpretado como responsabilidade feminina o uso de pílulas contraceptivas, controlando a fecundidade e aos homens o uso de preservativos como forma de prevenção de DSTs (DORETO; VIEIRA, 2007). O desconhecimento, por parte dos jovens, sobre os métodos preventivos e contraceptivos induz ao adolescente a liberdade de tomar decisões com suas próprias responsabilidades, atuando com resistência ao não uso desses métodos contraceptivos e preventivos seguros (MENDONÇA; ARAÚJO, 2010).

3. MÉTODO

3.1 Tipo de Estudo

A metodologia adotada baseia-se em estudo realizado por meio de uma revisão integrativa da literatura. De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010):

A revisão integrativa, finalmente, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Para a elaboração da presente revisão integrativa as seguintes etapas foram percorridas: estabelecimento do problema e questões que norteiam a pesquisa, definição dos objetivos da revisão integrativa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão de artigos (seleção dos dados), definição das informações a serem extraídas dos artigos selecionados (QUADRO 1); análise dos resultados; discussão e apresentação dos resultados e a última etapa consistiu na apresentação da conclusão obtida no presente trabalho.

Após a definição do tema, para guiar a revisão integrativa, formularam-se as seguintes questões: Quais as principais estratégias de educação em saúde sexual abordadas nas escolas?

Quais as principais temáticas abordadas nas atividades de educação sexual na escola?
Quais as principais dificuldades expressas pelos profissionais que aplicam tais atividades na escola?

3.2 Período e operacionalização da coleta de dados

O estudo ocorreu no período de março a abril do ano vigente, a partir de levantamento em três bases de dados científicas. São elas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - LILACS, e SciELO – Scientific Electronic Library Online e Google acadêmico.

Foram utilizados como descritores indexados no DeCs, os termos “sexualidade”, “educação sexual”, “adolescência” e suas combinações com AND ou OR.

QUADRO 1 - Descritores com suas respectivas definições. Redenção, 2018.

Descritores indexados no DeCs	Definição
-------------------------------	-----------

Sexualidade	Funções sexuais, atividades, atitudes e orientações de um indivíduo. A sexualidade, masculina ou feminina, se torna evidente na PUBERDADE sob as influências dos esteroides gonadais (TESTOSTERONA ou ESTRADIOL) e dos efeitos sociais.
Educação sexual	Educação que aumenta o conhecimento dos aspectos funcionais, estruturais e comportamentais da reprodução humana.
Adolescência	Gravidez em adolescentes femininas humanas com idade abaixo de 19 anos.

A fim de se observar nas diferentes bases de dados a quantidade de artigos relacionados, tem-se o quadro a seguir:

QUADRO 2 - Quantitativo de publicações em cada base de dados, Redenção, 2018.

Base de dados	Lilacs	SciELO	Google acadêmico
Cruzamento1: sexualidade AND escola AND adolescência.	15	10	20
Após 1ª análise	10	5	10
Após 2ª análise	3	3	4

Foram selecionados 45 artigos que abordaram a educação sexual para adolescente no ambiente escolar. No critério de inclusão e exclusão, 35 foram excluídos por não atender os objetivos da pesquisa e não contemplar as informações das questões norteadoras da presente pesquisa. Após análise criteriosa, a amostra final desta revisão integrativa foi constituída de 10 artigos, selecionados e utilizados para fundamentar a pesquisa de acordo com seus objetivos.

3.3 Critérios de Inclusão e Exclusão

Para isso, como critérios de inclusão, foram utilizados artigos disponíveis eletronicamente na íntegra, publicados nos idiomas inglês, espanhol e francês; publicados nos últimos 15 anos; teses e dissertações com temas voltados para responder aos questionamentos de pesquisa. Foram excluídas publicações repetidas e do tipo anais de eventos científicos.

As palavras-chave utilizadas foram sexualidade, educação sexual e adolescência. A busca foi realizada pelo acesso on-line.

3.4 Instrumento

Para a coleta de dados dos artigos, foi elaborado um instrumento que contemplou as variáveis: referência do estudo, ano de publicação, tipo de metodologia, principais resultados, tipo de abordagem na atividade de educação em saúde na escola, profissionais envolvidos na temática dos estudos, temática das atividades de educação em saúde e dificuldades relatadas pelos profissionais.

3.5 Análise dos dados

Por fim, os artigos selecionados foram analisados em dois momentos. Sendo no primeiro momento uma análise de título e resumos, e no segundo momento a leitura na íntegra dos artigos selecionados para extração de dados essenciais para responder às perguntas de pesquisa e aplicação dos critérios de inclusão, conforme instrumento norteador descrito.

Ademais, após leitura e análise criteriosa sobre o material, foram discutidas com a literatura pertinente.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo permitiu a busca, a avaliação crítica e a síntese das evidências disponíveis do tema investigado, com a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre abordagem da educação sexual e saúde nas escolas, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo, assim, para o aprofundamento do conhecimento sobre o tema abordagem da educação sexual e saúde nas escolas, conforme apresentado no quadro 3.

QUADRO 3 - Apresentação da síntese de artigos incluídos na revisão integrativa segundo procedência, título, referencias, método/metodologia, principais resultados e conclusões, Redenção, 2018.

Procedência	Título do artigo	Método	Principais resultados	Conclusões/considerações finais.
LILACS	RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 25 [2]: 501-523, 2015	Estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa.	A escola investigada não realizava nenhum tipo de orientação sexual durante o período da investigação. Verifica-se também a frequência de brincadeiras no ambiente escolar relacionadas à orientação sexual, étnico-social e gênero e vergonha por parte de alguns alunos ao receber preservativos. Os professores afirmam ser importante a abordagem sobre sexualidade e temas relacionados, porém acreditam que seja restrito somente para os formados na área de biologia ou para profissionais de saúde, abordagens de palestras e oficinas na escola.	Conclui-se que os resultados sugerem que uma postura mais clara da instituição escolar, incluindo uma visão ampliada sobre o conceito de gênero e sobre as diversidades sexuais, poderia contribuir com o trabalho de orientação sexual e com a política de acesso gratuito aos preservativos nas escolas.
LILACS	DIAS, E. G.; JORGE, S. A.; ALVES, B. V. C.; ALVES, J. C.S. conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 41, n. 1, p. 120-130 jan./mar. 2017.	Estudo descritivo e exploratório, com abordagem quantitativa.	Questionados sobre a abordagem da escola em relação a temáticas sobre sexualidade, 59,65 % responderam que não. Outros 40,35 % responderam que a escola fornece algum tipo de informação sobre esses temas.	A escola apresentou dificuldades em trabalhar o tema sexualidade com os adolescentes. O que deve ser considerada a importância da formação dos profissionais de

				educação para abordagens desse tema. A falta de abordagem sobre sexualidade na escola resulta de insuficiência de conhecimentos por parte dos alunos em relação a temas sobre sexualidade, como métodos contraceptivos e preventivos, o que pode acarretar na incidência de gravidez na adolescência e exposição às DST's.
LILACS	OLIVEIRA, N.de P.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B. Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. Aletheia 43-44, jan./ago. 2014.	Estudo transversal.	Dados referentes ao conhecimento e ao acesso a programas de educação sexual e de prevenção da AIDS, revelaram que o conhecimento sobre programas de prevenção foi adquirido na escola (66,5%) e no município que residem (33,7%). Todos adolescentes afirmaram que mudaram seus comportamentos após participarem de programas de prevenção. A grande maioria dos estudantes responderam que gostariam de aprender mais sobre o assunto, apontando a família, amigos, professores/escola, televisão/mídia as principais fontes de busca de informações.	Os dados mostram que a necessidade de se trabalhar a temática sexualidade deve iniciar desde cedo, ainda no ensino fundamental, abordando os temas dentro das escolas a partir de palestras, oficinas, cine-foro, dinâmicas e vivências.
SCIELO	JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J.R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2): 157-62.	Estudo descritivo-exploratório com abordagem quantitativa.	Quando questionados sobre a abordagem sobre sexualidade na escola, a maior parte dos professores acham que deve ser por palestras (19%), por	Para os professores é importante abordar a educação sexual na escola. Uma parcela expressiva acredita que a abordagem

			<p>discussões de situações reais (18%), e através de vídeos educativos (18%). Soma-se a estes, em menor percentagem, jogos, teatros, entrevistas, músicas, e textos. Porém, 21% não saberiam como abordar o assunto.</p> <p>Na prática, 55% dos professores disseram que abordam temas relacionados à sexualidade em sala de aula, de acordo com o plano de aulas (16%) ou respondendo aos questionamentos dos alunos (25%) mesmo que não façam parte do conteúdo programático. Os demais 45% dos professores não falam sobre assuntos relacionados à sexualidade em sala de aula.</p>	<p>deve iniciar desde cedo. Os professores deste estudo mostraram-se inseguros com o seu conhecimento e prática nos conteúdos de orientação sexual, restringindo-se apenas aos conteúdos dos livros de ciências e biologia que se resumem na anatomia e fisiologia da reprodução e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das DST/AIDS.</p>
SCIELO	<p>SILVA, R. da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015.</p>	<p>Pesquisa do tipo pesquisa-ação.</p>	<p>Os professores afirmam prever estes conteúdos no currículo da disciplina. A escola pública possui o conteúdo inserido no projeto político pedagógico. Os professores afirmam utilizar textos, imagens e Datashow para apresentar o conteúdo, apresentação de seminários pelos alunos.</p> <p>O resultado dos alunos apresentou-se satisfatório em relação ao conhecimento sobre DST's, porém sobre a contaminação/transmissão dessas doenças, os alunos ainda possuíam dúvidas.</p>	<p>Foi possível perceber que o conhecimento a respeito das DSTs, independentemente de ser na escola pública ou particular, é superficial e incipiente. É provável que o tema não foi abordado de forma aprofundada nas escolas. Isto é preocupante porque é na adolescência que os jovens iniciam sua vida sexual e o conhecimento adequado sobre DST's é uma das formas de prevenção das</p>

<p>GOOGL E ACADÊ MICO</p>	<p>CARPILOVSKY , C. K.; TEMP, D. S.; COSTABEBER, I.; SOARES, F. A. A.; ARRIAL, J. TRELLES, K. B. Educação Fundamental: ação dos professores frente à temática da Educação Sexual na escola pública. VIDYA, v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603 X.</p>	<p>Pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa, de punho bibliográfico e de campo.</p>	<p>De acordo com os resultados, 100% dos entrevistados consideram que a escola não deve se omitir em abordar temas sobre sexualidade. E que as temáticas devem ser englobadas nos planejamentos escolar, configurando como uma proposta legalmente amparada. Num outro enfoque, sobre o preparo para trabalhar temas polêmicos, 55% afirmaram não estarem preparados para falar sobre assuntos tão diversos e polêmicos, 14% estão parcialmente prontos e 29% consideram-se preparados.</p>	<p>mesmas. O estudo mostra que os professores têm consciência da necessidade de trabalhar educação sexual na escola, as ao mesmo tempo consideram- se despreparados para a realização dessa tarefa seja por falta de conhecimento, seja por medo ou vergonha. conclui- se que essas situações servem de alerta para que as escolas insiram no seu currículo a orientação sexual e que forneçam apoio e condições para que o professor trabalhe o tema em sala de aula de forma eficiente.</p>
<p>SCIELO</p>	<p>VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.- jun. 2017.</p>	<p>Estudo descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa.</p>	<p>As práticas de educação sexual ocorrem predominantemente nas aulas de Ciências/Biologia. Das 10 escolas em estudo, somente em duas ocorrem nas outras disciplinas. Em relação aos conteúdos abordados em educação sexual prevalece assuntos sobre DST's e gravidez na adolescência.</p>	<p>Cabe ressaltar a percepção crítica dos participantes do estudo, embora a maioria das práticas desenvolvidas nas escolas permaneça restrita às questões biológicas da sexualidade, os profissionais demonstram reconhecimento de limitações nas intervenções, quando restringem conteúdos. Do mesmo modo, os professores mostram-se significativamente comprometidos com a educação</p>

				sexual, dado que, embora se sintam despreparados, realizam práticas de educação sexual com adolescentes.
GOOGL E ACADÊ MICO	FONSECA, A. D. da; GOMES, V. L. de O.; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm 2010 abr-jun; 14 (2): 330-337.	Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa.	Os adolescentes relatam que não possuem diálogo com familiares sobre sexualidade e temas relacionados, afirmam que a escola local ideal para abordar esses assuntos. Consideraram ainda que realização do trabalho de orientação sexual proposto pelo presente estudo foi imprescindível para suas vidas. Apontam a metodologia participativa importante para aprimorar conhecimentos a partir da toca de experiências.	A escola foi considerada o local ideal para realização de projetos de orientação sexual, pois proporciona espaço acolhedor e participação ativa dos adolescentes, principalmente quando se adota metodologias participativas. Os trabalhos de orientação sexual realizados, seja por profissionais da educação ou por profissionais da saúde são fundamentais para enfrentar problemas no âmbito social, individual e coletivo que afetam a saúde dos adolescentes.
GOOGL E ACADÊ MICO	QUIRINO, G. da S.; ROCHA, J. B. T. da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. Ciênc. Educ., Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.	Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa.	Alguns professores consideraram que a abordagem da educação sexual deveria ser de forma transversal, outros defendiam a ideia da abordagem ser realizada em disciplinas específicas. Os que trabalham orientação em sala recorrem a estratégias como aulas expositivas com uso de: textos dos livros didáticos, vídeos, palestras, filmes, notícias jornalísticas, debates em sala de aula e pesquisa	A prática docente em educação sexual, na escola estudada, apresentou-se assimétrica entre o plano discursivo e as atitudes frente ao trabalho pedagógico desenvolvido pelas/os atrizes e atores sociais da pesquisa. Essa assimetria pode estar ligada à

			<p>escolar. O diálogo e a conversa visavam à sensibilização e conscientização dos/as estudantes. Alguns professores também sugerem a abordagem da educação sexual na escola a partir de projetos anuais.</p> <p>Foram destacados, como temas relevantes para o trabalho de educação sexual: a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis, a virgindade, o ato sexual, a homossexualidade, e os métodos contraceptivos – estes incluíam: a tabela, a camisinha e a pílula.</p>	<p>valores morais, pessoais e conservacionista, associados à apatia ou insensibilidade do sentimento do outro.</p>
<p>GOOGLE E ACADÊMICO</p>	<p>HOLANDA, M. L. de; FROTA, M. A.; MACHADO, M. de F. A. S.; VIEIRA, N. F. C. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. Cogitare Enferm. 2010 Out/Dez; 15(4):702-8</p>	<p>Estudo descritivo de abordagem qualitativa.</p>	<p>A abordagem da educação sexual é feita por disciplina específica na escola em pesquisa, não ocorrendo a interdisciplinaridade. A escola dar enfoque na sexualidade somente no aspecto biológico., abordando questões de reprodução humana, anatomia e fisiologia do corpo humano. A dificuldade de abordar o tema na escola é relatada, seja por carência de materiais didáticos ou por falta de formação adequada.</p>	<p>Evidencia-se a contribuição do professor na orientação sexual dos adolescentes permeada de fatores que limitam o desenvolvimento desta prática de forma transversal e interdisciplinar, como orienta os PCNs. Esta prática está voltada com ênfase ao modelo biológico, associado às disciplinas de Biologia e Ciências, o que reduz a possibilidade de realizar a prevenção de agravos, decorrentes da sexualidade exercida de forma imprudente, e de estimular comportamentos sexuais saudáveis.</p>

				A abordagem dessas temáticas exige, ao contrário dos conteúdos dos livros, que o professor se senilize diante das necessidades e atualize constantemente.
--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A caracterização dos artigos incluídos nesta revisão integrativa mostra que a maioria foram publicados a partir do ano de 2010, com exceção de apenas um publicado em 2006. Em relação a metodologia, a maioria dos artigos apresentam estudos do tipo descritivo e exploratório de abordagem tanto qualitativa como quantitativa, outro como estudo transversal e somente um estudo foi realizado como pesquisa-ação. A estratégia metodológica e coleta de dados desses estudos foram realizadas a partir de entrevistas com professores e alunos em duas pesquisas, uma delas houve a intervenção a partir de palestras realizadas pelos próprios autores, em outra ocorreu a observação da rotina da escola por vários dias. Em três estudos ocorreu entrevistas somente com os alunos das escolas, ocorrendo intervenção em um dos estudos, realizada por profissionais de saúde do SPE a partir de palestras, dinâmicas e diálogo com os alunos sobre temas relacionados a sexualidade. Em cinco estudos a coleta de dados foram a partir de entrevistas realizadas somente com professores, em um desses estudos ocorreu observação das aulas.

Em relação aos objetivos desta revisão, ou seja, analisar estudos que abordem o tema educação sexual nas escolas, observou-se que a abordagem da educação sexual nas escolas ou estar ausente (não se aplica), ou na maioria das vezes é realizada contemplando somente a grade curricular das disciplinas de Ciências Naturais.

As posturas das escolas em tratar a sexualidade somente nos enfoques biologistas contrapõem-se a posposta de Orientação Sexual proposta pelos PCN's, que contemplem a construção de uma conduta que trabalhe, de forma interdisciplinar, a educação sobre sexualidade, consistindo na intensão de adquirir, por parte dos alunos, as concepções em relação à prevenção de doenças como DSTs, HIV/AIDS e gravidez na adolescência (BRASIL, 1997).

Para Holanda et al. (2010), a abordagem biologista não satisfaz os interesses dos adolescentes, nem suas ansiedades e curiosidades, pois a sexualidade requer modificações de posturas e comportamentos frente as suas temáticas.

Cabe ressaltar que em diferentes estudos, os adolescentes consideram importante

abordar as temáticas sobre sexualidade nas escolas, visto que os mesmos não conversam com a família a respeito desses temas, e a escola é o local oportuno para esclarecer suas dúvidas, pois as buscas por informações são através de amigos, na internet, na Tv e nas mídias. Desse modo os adolescentes tornam-se mais vulneráveis aos riscos relacionados às DST's e gravidez na adolescência, pois não conseguem informações adequadas e coesas que lhes configure uma vida sexual segura.

Diante desses resultados, o quadro a seguir representa os principais achados sobre a abordagem da educação sexual na escola, de acordo com a análise dos artigos na revisão integrativa.

QUADRO 4 - Apresentação da síntese das análises dos artigos incluídos na revisão integrativa segundo referencias, principais estratégias de educação sexual na escola, principais temas abordados, profissionais envolvidos e tipo de escola. Redenção, 2018.

Referência do artigo	Principais estratégias de educação sexual e saúde na escola	Temas trabalhados nas estratégias	Profissionais envolvidos	Tipo de escola
1. RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 25 [2]: 501-523, 2015	- Observação da rotina escolar; - Entrevistas com professores e alunos; - Distribuição de preservativos masculino.	- Importância de abordar a educação sexual na escola; - Uso de dispensador de preservativos;	Profissionais da saúde.	Pública de ensino fundamental.
2. DIAS, E. G.; JORGE, S. A.; ALVES, B. V. C.; ALVES, J. C.S. Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre	- Aulas expositivas.	- Abordagem da sexualidade somente como aspecto biológico do corpo. - Alunos alegam buscar informações sobre outras temáticas	Professores de Biologia.	Pública de ensino médio.

<p>sexualidade e métodos contraceptivos. Revista Baiana de Saúde Pública, v. 41, n. 1, p. 120-130 jan./mar. 2017.</p>		<p>relacionadas à sexualidade por meio da internet.</p>		
<p>3. OLIVEIRA, N.de P.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B. Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. Aletheia 43-44, jan./ago. 2014.</p>	<p>- Campanhas de prevenção realizada dentro da escola.</p>	<p>- Conhecimento sobre sexualidade; - Métodos contraceptivos e preventivos; -Conhecimento sobre DST's;</p>	<p>Profissionais da saúde e professores.</p>	<p>Públicas de Ensino Fundamental e Médio.</p>
<p>4. JARDIM, D. P.;BRÊTAS, J.R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2): 157-62.</p>	<p>- Palestras sobre sexualidade; - Aulas expositivas</p>	<p>- Versão biológica do adolescente; - Prevenção da gravidez e DST's.</p>	<p>-Profissionais de saúde convidados pela escola; -Professores de Ciências e Biologia.</p>	<p>Públicas de Ensino Fundamental e Médio.</p>
<p>5. SILVA, R. da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015.</p>	<p>- Dinâmicas de grupos, exposição de informações e diálogo entre os envolvidos. - Aulas expositivas; - Apresentação de seminários pelos alunos.</p>	<p>- DST's: tipos de doenças, sintomas, contágio e prevenção.</p>	<p>- Autor da pesquisa (intervenção); -Professores de ambas escolas.</p>	<p>Pública e privada do Ensino Médio.</p>
<p>6. CARPILOVSKY, C. K.; TEMP, D. S.; COSTABEBER, I.; SOARES, F.</p>	<p>- Aulas expositivas; -Diálogo em sala; -Respostas a dúvidas dos</p>	<p>-Prevenção de DST's e gravidez, -Planejamento familiar; -Casamento; -Relação sexual;</p>	<p>Professores.</p>	<p>Pública de Ensino fundamental.</p>

<p>A. A.; ARRIAL, J. TRELLES, K. B. Educação Fundamental: ação dos professores frente à temática da Educação Sexual na escola pública. VIDYA, v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010 - Santa Maria, 2010. ISSN 2176-4603 X.</p>	<p>alunos.</p>	<p>- Corpo, higiene, sentimentos, hormônios; -Menstruação; -Namoro; -Aborto.</p>		
<p>7. VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.</p>	<p>-Aulas expositivas; -Feiras de Ciências.</p>	<p>- Anatomia e fisiologia do corpo (higiene, hormônios, aparência física); -Prevenção de DST's (drogas, métodos preventivos) - Prevenção da gravidez na adolescência (planejamento familiar, métodos contraceptivos, parto, aborto).</p>	<p>Professores</p>	<p>Pública de Ensino Fundamental.</p>
<p>8. FONSECA, A. D. da; GOMES, V. L. de O.; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm 2010 abr-jun; 14 (2): 330-337.</p>	<p>- Intervenção a partir de dinâmicas de grupos, vivências e diálogos entre os participantes a partir de jogos, brincadeiras, dramatizações, discussão de textos e filmes, e oficinas.</p>	<p>- Anatomia e fisiologia do sistema reprodutor; - Virgindade e iniciação sexual; -Métodos contraceptivos e preventivos; - DST's; - Influência da família; -Bulimia e Anorexia; - Anabolizantes; - Auto-cuidados; -Responsabilidade nas escolhas; -Vulnerabilidades</p>	<p>Profissionais da saúde (SPE).</p>	<p>Pública de Ensino Fundamental e Médio.</p>
<p>9. QUIRINO, G. da S.; ROCHA, J. B. T. da. Prática docente em</p>	<p>-Aulas expositivas com uso de: textos dos livros</p>	<p>-Gravidez na adolescência; -DST's; -Virgindade;</p>	<p>Professores de Ciências e Biologia.</p>	<p>Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio.</p>

educação sexual em uma escola pública de juazeiro do Norte, CE, Brasil. <i>Ciênc. Educ.</i> , Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.	didáticos e vídeos; -Palestra; -Filmes; -Notícias jornalísticas; -Debates em sala de aula; -Pesquisas.	-Ato sexual; - Homossexualidade; -Métodos contraceptivos.		
10. HOLANDA, M. L. de; FROTA, M. A.; MACHADO, M. de F. A. S.; VIEIRA, N. F. C. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. <i>Cogitare Enferm.</i> 2010 Out/Dez; 15(4):702-8	-Aulas expositiva de acordo com o currículo.	-Anatomia e fisiologia da reprodução humana.	Professores de Ciências Naturais.	Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio.

A abordagem sobre educação sexual na escola acontece tanto por profissionais da educação como por profissionais da saúde. Essa integração entre saúde-educação permite que a escola seja espaço privilegiado e propício para implementação de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde de jovens e adolescentes. Com o objetivo de aperfeiçoar essas políticas públicas, o Programa Nacional de Saúde e Prevenção na Escola (SPE) é trabalhado nas escolas a partir de ações que viabilizem a promoção da saúde sexual do adolescente, redução da vulnerabilidade às infecções e gravidez (FONSECA; GOMES; TEIXEIRA, 2010). Neste sentido, a abordagem biológica da sexualidade tanto por profissionais de saúde, como professores se justifica por existir a necessidade de orientar os adolescentes sobre os principais riscos em que estão vulneráveis, a partir de intervenções pedagógicas que propiciem os jovens vivenciarem melhor essa fase da vida.

Por outro lado, observa-se, a partir dos resultados analisados que, as intervenções sobre educação sexual ainda são bastante limitadas. A abordagem prevalece em práticas de exposições, sejam por aulas ou palestras, que não garante de certo, o aprendizado e compreensão dessas temáticas. De acordo com os estudos de Silva (2015) os adolescentes possuem domínio de conhecimento acerca da identificação de DST's, porém não apresentam conhecimento satisfatório sobre suas formas de transmissão (SILVA, 2015). Isso significa que a abordagem sobre DST's nas escolas nem sempre são satisfatórias e suficientes para garantir

a prevenção e saúde dos adolescentes.

Para Jardim e Brêtas (2006) as palestras possuem impactos imediatos e alteram momentaneamente a percepção do problema, mas não garante modificações de atitudes principalmente quando são realizadas isoladamente.

A intervenção em educação sexual deve considerar os aspectos socioculturais dos adolescentes diante dessas temáticas, e partir de ações que viabilizem o coletivo, a participação em grupos, oficinas e projetos de vida. Estas permitem a valorização de si e do outro como seres dotados de necessidades e anseios, que devem ser atendidas e respeitadas.

Mas o ambiente escolar ainda é limitado por existirem paradigmas que dificultam a prática da educação sexual como intervenção promissora. A resistência dos professores em não abordar, ou abordar parcialmente o assunto é o principal fator.

Nos estudos de Vieira e Mastukura (2017) a abordagem é realizada na maioria dos entrevistados, por professores de Ciências e Biologia, não ocorrendo a interdisciplinaridade nas escolas. Isso se confirma também nos estudos de Quirino e Rocha (2013), Holanda et al. (2010) e Dias et al. (2010).

Em relação à segurança de trabalhar assuntos polêmicos com os adolescentes, de acordo com Carpilovsky et al. (2010) 57% dos professores entrevistados não se sentem à vontade para abordar os assuntos.

De acordo com alguns autores, os fatores que dificultam a abordagem pelos professores sobre educação sexual nas escolas estão relacionados principalmente pela insuficiência de recursos didáticos e falta de formação (HOLANDA, et al., 2010; JARDIM; BRÊTAS, 2006; CARPILOVSKY et al. 2010).

Considerando o professor peça fundamental na implementação da educação sexual na escola como ferramenta de orientação e prevenção dos adolescentes, é imprescindível que o mesmo participe de formações para adquirir ou aprimorar conhecimentos acerca das temáticas sobre sexualidade, como também obtenha uma metodologia adequada, de forma facilitadora e segura para subsidiar os adolescentes nesta fase tão complexa da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desta revisão integrativa mencionam a importância de se abordar a educação sexual nas escolas pelos professores, pois é notável as necessidades dos adolescentes de conhecer os diferentes temas sobre sexualidade, visto que os mesmos apontam desconhecimentos desses assuntos e ansiedade de aprendê-los. De acordo com os resultados das pesquisas, os professores não se sentem preparados para abordar esses temas, pois consideram delicados ou polêmicos. Consideram ainda que não possuem formação para realizar o trabalho de educação sexual nas escolas com facilidade ou segurança. Diante do exposto nesta revisão integrativa, foi possível perceber as limitações de encontrar achados em que a educação sexual seja trabalhada na íntegra dentro das escolas. Não houve nenhum resultado que apontasse a educação sexual sendo trabalhada de forma transversal e interdisciplinar por todos os profissionais de educação, de acordo com as propostas dos PCN's. A realização dessa pesquisa evidencia a necessidade de implementar projetos educativos dentro do ambiente escolar que visem a prevenção e promoção da saúde do adolescente.

Visto que a adolescência é uma fase da vida preenchida de anseios, dúvidas e medos, pois os jovens estão em processos constantes de mudanças, a sexualidade é vivida de forma insegura e desprotegida. As dúvidas, indagações, brincadeiras, expressões e manifestações que partem da população jovem demonstra o quão esse tema deve ser debatido. A escola, por ser uma instituição em que promove a socialização, cultura e ampliação dos conhecimentos dos adolescentes, é o espaço adequado para realizar ações que propiciem os adolescentes a vivenciar e compreender a sua própria sexualidade de forma segura.

Porém, no contexto atual, as escolas não conseguem, por parte de seus principais atores (alunos, professores, pais, funcionários), configurar uma cultura que quebre tabus impostos pela sociedade diante da sexualidade, pois esta é vista como assunto polêmico para esses integrantes. Essa cultura do constrangimento e do silêncio é vivenciada pelas escolas devido a multiplicidade de pontos de vistas, crenças e valores que transformam a sexualidade humana como algo impróprio e imoral para ser debatido.

As escolas que abordam a educação sexual, na sua maioria, realizam de forma individualizada e descontextualizada com o cotidiano dos adolescentes. Abordagens que pautam somente os aspectos biológicos do ser humano, esquecendo-se dos aspectos culturais, psicológicos e sociais dos jovens. Nota-se ainda que os principais entraves para a entrada efetiva da educação sexual no ambiente escolar estar relacionados diretamente à percepção e práticas

dos professores diante do tema.

Concluiu-se que é necessário existir formações de professores, seja no meio acadêmico, seja no ambiente escolar, com qualificação realizada por profissionais da saúde, de forma a sensibilizar os profissionais da educação sobre a importância de abordar a educação sexual no meio escolar de forma crítica, bem informada, com linguagem clara e aberta, tornando a escola uma instituição promotora da saúde, buscando desenvolver no adolescente a responsabilidade diante da própria sexualidade e preservação da vida.

6. REFERÊNCIAS

ALENCAR, R. A.; SILVA, L.; SILVA, F. A.; DINIZ, R. E. S. **Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes.** *Ciência e Educação*, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.

ALMEIDA, S.A.; NOGUEIRA, J.A.; SILVA, A.O.; TORRES, G.V. **Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio?** *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre (RS) 2011 mar; v. 32(1): p. 107-13.

ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. **Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14(2): p. 661-670, 2009.

BEIRAS, A.; TAGLIAMENTO, G.; TONELI, M. J. F. **Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas à sexualidade e gênero no contexto escolar.** *Aletheia*, Canoas. n.21 jan./jun. 2005.

BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola: Tabus e preconceitos, um desafio para a gestão.** Monografia (Graduação em Pedagogia com Habilitação em Gestão e Coordenação do trabalho escolar) Departamento de Educação – Campus I da Universidade do Estado da Bahia – Salvador, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 146p. 1997.

BRASIL, Portal. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/@@search?subject%3Alist_=_OMS>. Acesso em 01 abr. 2018.

CAMARGO, B. V; BOTELHO, L. J. **Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV.** *Revista Saúde Pública* 2007.

CAMARGO, E. Á. I.; FERRARI, R. A. P. **Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14(3): p. 937-946, 2009.

CARPILOVSKY, C. K.; TEMP, D. S.; COSTABEBER, I.; SOARES, F. A. A.; ARRIAL, J.; TRELLES, K. B. **Educação Fundamental: Ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública.** VIDYA, v. 30, n. 1, p. 43-52, jan./jun., 2010 - Santa Maria, 2010.

CARRENO, I.; COSTA, J. S. D. da. **Uso de preservativos nas relações sexuais: estudo de base populacional.** Revista Saúde Pública 2006; v. 40(4): p. 720-6.

CERQUEIRA - SANTOS, E.; PALUDO, S. S.; SCHIRÒ, E. D. B.; KOLLER, S. H. **Gravidez na adolescência: Análise contextual de risco e proteção.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 1, p. 73-85, jan./mar. 2010.

DIAS, E. G.; JORGE, S. A.; ALVES, B. V. C.; ALVES, J. C.S. **conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos.** Revista Baiana de Saúde Pública, v. 41, n. 1, p. 120-130 jan./mar. 2017.

DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. **O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 23 (10): p. 2511-2516, out, 2007.

FERREIRA, G. G.; AGUINSKY, B. G. **Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas.** Revista Katál. Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223-232, jul./dez. 2013.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A Produção Teórica no Brasil sobre Educação Sexual.** Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.98, pág. 50-63, ago. 1996.

FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. de O.; TEIXEIRA, K. C. **Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 2010 abr-jun; v. 14 (2): p. 330-337.

GASPAR, E. M.; BIZZO, M. C. S.; TEIXEIRA, S. E.; FILHO, B. G. R.. **Levantamento sobre a prevenção e exposição quanto aos riscos de contrair HIV/AIDS entre adolescentes de uma escola pública da cidade de Amparo.** Centro Universitário Amparense – UNIFIA-

Amparo, 2011.

GOMES, J. P. **As Escolas Promotoras de Saúde: Uma via para promover a saúde e a educação para a saúde da comunidade escolar.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 84-91, jan./abr. 2009.

GUIMARÃES, A. M. d'Á. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. **Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais.** Revista Latino-americana de Enfermagem, mai-jun, 2003.

HOLANDA, M. L. de; FROTA, M. A.; MACHADO, M. de F. A. S.; VIEIRA, N. F. C. **O papel do professor na educação sexual de adolescentes.** Cogitare Enfermagem. 2010 Out/Dez; v. 15(4): p. 702-8.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J.R. da S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP.** Revista Brasileira de Enfermagem, 2006 mar-abr; v. 59(2): p. 157-62.

LOURO, G. L. **Pensar a sexualidade na contemporaneidade.** In:___ **Sexualidade**/Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009. - 216 p.

LOYOLA, M. A. **A Antropologia de Sexualidade no Brasil.** Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 10(1): p. 143-167, 2000.

MARTÍNI, J. G. **Educação Sexual em tempos de HIV/ AIDS.** Revista Eletrônica Semestral de Enfermaria, n.11. nov 2007.

MARTINS, L. B. M.; COSTA-PAIVA, L. H. S.; OSIS, M. J. D.; SOUSA, M. H. de.; PINTO-NETO, A. M.; TADINI, V. **Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22(2): p. 315-323, fev, 2006.

MATOS, E. B.; VEIGA, R. T.; REIS, Z. S. N. **Intenção de uso de preservativo masculino entre jovens estudantes de Belo Horizonte: um alerta aos ginecologistas.** Revista Brasileira de Ginecologia Obstétrica, 2009.

MENDONÇA, R. C. M.; ARAÚJO, T. M. E. de. **Análise da produção científica sobre o uso dos métodos contraceptivos pelos adolescentes.** Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília; v. 63(6): 1040-5, nov-dez, 2010.

MONTARDO, J. La S. **A escola e a educação sexual.** - Revista de Educação, Ciências e Cultura. V. 13, n 1. Jan.\jun. 2008.

NARDI, H. C. **O estatuto da diversidade sexual nas políticas de educação no Brasil e na França: A comparação como ferramenta de desnaturalização do cotidiano de pesquisa.** Psicologia & Sociedade; v. 20, Edição Especial: p.12-23, 2008.

OLIVEIRA, C. **“Libertar o brasileiro de seu cativo moral”:** Identidade nacional, Educação Sexual e família no Brasil da década de 1930. Psicologia & Sociedade; v. 24(3): p. 507-516, 2012.

OLIVEIRA, N. S.; MOURA, E. R. F.; GUEDES, T. G.; ALMEIDA, P. C. **Conhecimento e Promoção do Uso do Preservativo Feminino por Profissionais de Unidades de Referência para DST/HIV de Fortaleza-CE: o preservativo feminino precisa sair da vitrine.** Saúde Soc. São Paulo, v.17, n.1, p.107-116, 2008.

OLIVEIRA, N. P.; BÉRIA, J. U.; SCHERMANN, L. B. **Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM.** Aletheia, p. 43-44, jan./ago. 2014.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. **Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros.** Revista Saúde Pública. n 42: p. 45-53, 2008.

QUIRINO, G. S.; ROCHA, J. B. T. **Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil.** Ciências e Educação, Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013.

RABELO, S. T. O.; JUNIOR, J. S. P. F.; FREITAS, L. V.; LOPES, E. M.; PINHEIRO, A. K. B.; AQUINO, P. S.; XIMENES, L. B. **Gravidez e DST: Práticas preventivas entre universitários.** In:_____ **Doenças Sexualmente Transmissíveis: Transcendendo as aparências.** DST–Jornal brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis v. 18(2): p.143-147, 2006.

RAMIRO, L.; REIS, M.; MATOS, M. G.; DINIZ, J. A.; SIMÕES, C. **Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes.** Revista Portuguesa de Saúde Pública. v. 29(1): p.11-21, 2011.

REIS, M. H.; VILAR, D. **A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores.** Análise Psicológica. v. 4 (XXII): p. 737-745, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. **A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da Educação Sexual no Brasil.** In:____ **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum.** – Londrina: UEL, 2009. 190p.

RIETH, F. **A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, junho de 2002.

ROCHA, C. M. F.; DIAS, S. F.; GAMA, A. F. **Conhecimentos sobre o uso de contraceptivos e prevenção de DST: a percepção de mulheres imigrantes.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 26 (5): p. 1003-1012, mai, 2010.

RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. **Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”:** **percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 25 [2]: p. 501-523, 2015.

SILVA, R. C. P.; NETO, J. M. **Formação de professores e educadores para abordagem da Educação Sexual na escola: O que mostram as pesquisas.** Ciências e Educação, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, R. **Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs.** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015.

SOUZA, M. M.; DEL-RIOS, N. H. A.; MUNARI, D. B.; WEIRICH.C. F. **Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um Colégio Público de Goiânia-GO** Revista Eletrônica de Enfermagem. v. 10 (2): p. 460-471, 2008.

SOUZA, M. M.; MUNARI, D. B.; SOUZA, S. M. B.; ESPERIDIÃO, E.; MEDEIROS, M. **Qualificação de professores do ensino básico para Educação Sexual por meio da pesquisa-**

ação. Ciências: Cuidado e Saúde. v. 9(1):p. 91-98, Jan/Mar, 2010.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. 2010; v. 8(1 Pt 1): p. 102-6.

TORRES, C. A.; BESERRA, E. P.; BARROSO, M. G. T. **Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: Percepções de Adolescentes Sobre a Sua Sexualidade.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 2007 jun; v. 11 (2): p. 296 - 302.

VIEIRA, L. M.; SAES, S. O.; DÓRIA, A. A. B.; GOLDBERG, T. B. L. **Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil.** Revista Brasileira de Saúde Maternidade Infantil, Recife, v. 6 (1): p. 135-140, jan. / mar., 2006.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. **Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública.** Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017.